

PAULO E O DOM

Coleção BIBLIOTECA DE ESTUDOS BÍBLICOS

- *Argonautas do deserto*, Philippe Wajdenbaum
- *Arrogância das nações (A): a carta aos Romanos à sombra do Império*, Neil Elliott
- *Bíblia sem mitos (A): uma introdução crítica*, Eduardo Arens
- *Bíblia, palavra de Deus: curso de introdução à Sagrada Escritura*, Valerio Mannucci
- *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, Wilfrid John Harrington
- *Compreender o Antigo Testamento: um projeto que se tornou promessa*, Gilles Drolet
- *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*, Donizete Scardelai
- *Escreva Esdras e o judaísmo (O): um estudo sobre Esdras à luz da tradição*, Donizete Scardelai
- *Evangelhos apócrifos*, Luigi Moraldi
- *Jesus do povo (O): trajetórias no cristianismo primitivo*, Robin Scroggs
- *Jesus e a sociedade de seu tempo*, Juan Mateos; Fernando Camacho
- *Jesus e as estruturas do seu tempo*, Émile Morin
- *Jesus e as testemunhas oculares: os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*, Richard Bauckham
- *Jesus segundo o judaísmo*, Beatrice Bruteau (org.)
- *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*, Neil Elliott
- *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*, Carmine Di Sante
- *Memorial de Deus (O): história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*, Mark Stratton John Matthew Smith
- *Origem da Bíblia (A): um guia para os perplexos*, Lee Martin McDonald
- *Para ler o apóstolo Paulo*, Chantal Reynier
- *Paulo e o dom*, John M. G. Barclay
- *Teologia do apóstolo Paulo (A)*, James D. G. Dunn

JOHN M. G. BARCLAY

PAULO E O DOM



Título original: *Paul and the Gift*
© 2017 William B. Eerdmans Publishing Company
ISBN 978-0-8028-7532-7

Tradução: *Fabrizio Zandonadi Catenassi*
Fabiana Beckert
Jefferson Zeferino

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assessoria bíblica: *Paulo Bazaglia*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Imagem da capa: *Paulo Apóstolo, Diego Velázquez (Espanha, cerca de 1619)*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barclay, John M. G.

Paulo e o dom / John M. G. Barclay; [tradução Fabrizio Zandonadi Catenassi, Fabiana Beckert, Jefferson Zeferino].
– São Paulo: Paulus, 2018. – Coleção Biblioteca de estudos bíblicos.

Título original: *Paul and the gift*
Bibliografia.
ISBN 978-85-349-4811-1

1. Bíblia. N.T. Epístolas de Paulo - Teologia 2. Graça (Teologia) - Ensino bíblico I. Título. II. Série.

18-18934

CDD-227.06

Índice para catálogo sistemático:

1. Epístolas paulinas: Teologia 227.06
Maria Paula C. Riyuzo - Bibliotecária - CRB-8/7639



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televentas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4811-1

Para John Riches

PREFÁCIO

Este livro levou ao menos dez anos para a sua produção, os últimos quatro dedicados à escrita. Uma vez que aprendi muito sobre dons, sou profundamente consciente dos agradecimentos que devo a muitas pessoas que encorajaram, esclareceram e deram suporte a esse projeto em muitos sentidos. Meus colegas em Durham – especialmente Francis Watson, Lutz Doering, Jane Heath, Dorothee Bertschmann, Stephen Barton, Bill Telford, Walter Moberly e Robert Hayward – deram, cada um, encorajamento e apoio, e o Departamento de Teologia e Religião da Universidade de Durham generosamente insistiu para que eu não apressasse um livro que demorou mais do que o esperado. Muitos estudantes de doutorado em Durham são, em vários graus, coautores nesta exploração, e têm sido amigos, conselheiros e apoio na pesquisa, incluindo Gary Griffith, Debbie Watson, Dean Pinter, Bem Blackwell, Kyle Wells, John Goodrich, Susan Matthew, Wesley Hill, Jeanette Hagen e David Briones. Três outros – Matthew Scott, Jonathan Linebaugh e Orrey McFarland – fizeram contribuições particularmente significativas, tanto para mim, pessoalmente, quanto para a análise dos textos e para ideias: eu não poderia contar os momentos em que nós discutimos este projeto, ao vivo e por *e-mail*, durante suas pesquisas doutorais e também posteriormente. Seus acréscimos foram sempre de imenso valor. As bases da pesquisa foram colocadas durante um período de licença em Dunedin, Nova Zelândia, em 2009-2010, e eu sou eternamente grato pela hospitalidade de Paul Trebico e do Departamento de Teologia e Religião da Universidade de Otago, onde também tive o privilégio de oferecer as De Carle Lectures em 2010. Desde então, tenho sido afortunado ao receber as reações e críticas construtivas de muitos elementos deste livro em leituras, seminários e textos de conferências em Melbourne, Sidney, Vancouver, Chicago, Singapura, Copenhagen, Berna, Heidelberg, Groningen e muitas universidades no Reino Unido. Deve ser dado destaque às Hooker Lectures na Universidade McCaster (Hamilton, Ontário), a palestra anual para o International Centre for Biblical Interpretation (University of Gloucestershire), a palestra inaugural no Centre for the Social-Scientific Study of the Bible (Universidade St. Mary, Londres), a Nils Dahl Lecture (Universidade de Oslo) e a Ethel Wood Lecture (King's College, Londres). Em cada caso, o público foi suficientemente gentil ao colocar questões desafiadoras e ao apontar-me direções frutuosas, das quais somente algumas fui até então capaz de perseguir. À medida que esse projeto cresceu, percebi que há dimensões da doação do dom em Paulo que eu não sou capaz de cobrir

neste livro, no nível humano da reciprocidade do dom. Espero retornar a elas em um volume subseqüente.

Deixo gravada minha gratidão à Academia Inglesa, que financiou um ano de licença para pesquisa (2010-2011, no esquema BARDA), sem a qual este projeto não teria saído de seu estágio inicial. Muitos amigos ao redor do mundo ofereceram sabedoria e suporte durante esta longa jornada, entre os quais sou especialmente grato a Susan Eastman, Beverly Gaventa, Barry Matlock, Stephen Chester, Lou Martyn, Stephen Westerholm, Troels Engberg-Pedersen (que sugeriu o título) e Tom Wright (seu *Paul and the Faithfulness of God* apareceu muito tarde para interagir com ele aqui). Diana, minha esposa, que aguentou minha preocupação com este livro muito além do que era razoável e, por isso e por muito mais, ofereço meu profundo e sincero agradecimento.

Michael Thomson e seus colegas da Eerdmans esperaram pacientemente por um livro bastante atrasado e sou muito grato por seu compromisso com este projeto desde o princípio. Nos estágios finais, fui muito afortunado de ter Orrey McFarland como editor do meu manuscrito. Ele me salvou de muitos erros (todos os que permanecem aqui são, claro, de minha responsabilidade), enquanto seu extensivo conhecimento da matéria o tornou um excelente parceiro de diálogo ao longo de muitos anos. Seu trabalho editorial no texto e na bibliografia é imenso, e tenho uma dívida eterna com ele por seu cuidado e atenção aos detalhes. Finalmente, Tavis Bohlinger foi de uma ajuda enorme no trabalho de revisão e indexação, pelo qual sou bastante grato.

Dedico este livro a John Riches, o qual, por aproximadamente duas décadas, foi meu colega de Novo Testamento na Universidade de Glasgow e, mais que isso, tornou-se um mentor e amigo, alguém que me inspirou a explorar a história da recepção de Paulo e a destrinchar o que tornou as cartas de Paulo tão férteis para a tradição cristã.

PÁSCOA DE 2015

ABREVIATURAS

As abreviaturas de fontes primárias e secundárias seguem o *SBL Handbook of Style*, com a adição das seguintes:

- CO *Ioannis Calvini Opera quae supersunt omnia* (Brunsvigae: C.Z. Schwetschke, 1863-1900)
- DK *Die Fragmenta der Vorsokratiker*, ed. H Diels e W. Krats (Berlin: Weidmann, 1951-52)
- LW *Luther's Work*, 55 vols., ed. J. Pelikan e H. L. Lehmann (St. Lours: Concordia; Philadelphia: Fortress Press, 1955-1986)
- WA *Dr. Martin Luthers Werke*, 69 vols. (Weimar: Böhlau, 1883-1993)

PRÓLOGO

Paulo é famoso por falar de Cristo com a linguagem do dom. “Graças sejam tribuadas a Deus pelo seu dom inefável” (2Cor 9,15), ele exclama, referindo-se à vida, morte e ressurreição de Cristo. Aquele que doa o dom pode igualmente ser simbolizado pelo próprio Cristo, o qual “se entregou a si mesmo pelos nossos pecados a fim de nos livrar do presente mundo mau” (Gl 1,4). Uma rica variedade de termos para dom apimenta o discurso de Paulo; entre eles χάρις – uma palavra grega comum para dom ou favor – é tradicionalmente traduzida (a partir do latim, *gratia*) como “graça”. “Tu conheces a graça (χάρις) de nosso Senhor Jesus Cristo”, Paulo lembra aos Coríntios (2Cor 8,9); “Eu não rejeitei a graça de Deus” (Gl 2,21). Os convertidos por Paulo experimentaram ser “chamados na graça” (Gl 1,6), assim como ele mesmo (Gl 1,15; cf. 1Cor 15,9-10). Sob a influência de Paulo, a linguagem do dom e da graça se tornou central à tradição teológica cristã. Leituras radicais deste motivo paulino – por Agostinho, Lutero, Calvino e Barth, para nomear alguns dos mais famosos – causaram mudanças significativas na história da teologia cristã. No interior da piedade cristã, a linguagem da graça fixou-se nas orações e hinos, como um meio de reconhecer a iniciativa gratuita de Deus em direção aos inadequados e indignos destinatários humanos. Muitos fiéis conectam-se muito profundamente com a teologia paulina em sua celebração pessoal de “maravilhosa graça”.

Paulo é também bem conhecido como o apóstolo dos gentios nas cidades do mundo romano e desenvolveu uma política controversa através da qual aos convertidos gentios não era requerido que adotassem os costumes judaicos, como a circuncisão masculina ou as leis alimentares *kosher*. Os estudiosos, neste momento, comumente notam que a teologia paulina – incluindo sua teologia de justificação e sua famosa antítese entre a “fé em Cristo” e as “obra da lei” – é melhor entendida como articulada nesta missão dos gentios e estruturada para ela. A criação de novas comunidades de judeus e gentios em Cristo foi central para o propósito de Paulo e para sua compreensão da história, uma vez que ele identificou aqui o cumprimento das promessas de Deus a Abraão e um sinal de esperança a Israel.

Esses dois aspectos de Paulo – sua teologia da graça e o estabelecimento de igrejas que abriram caminho para combater a divisão entre judeus e não judeus – estão interligados? Essa teologia da graça acompanhou sua prática social na formação de comunidades inovadoras? A teologia de Paulo, no seu contexto original, trata tanto de transformação social quanto individual? O dom de Deus em Cristo fundamenta a criação de comunidades capazes de desafiar essas normas tidas como certas?

Na tradição cristã, a teologia da graça de Paulo tem sido frequentemente interpretada como a antítese do judaísmo, como se o período de Paulo no judaísmo tivesse corrompido sua teologia bíblica da graça com uma soteriologia de “justiça das obras” e recompensa. A linguagem de Paulo, carregada de nuances derivadas de disputas internas cristãs, tem sido recrutada para diferenciar nesses termos o cristianismo do judaísmo e para diminuir esse último. Nessa leitura, Paulo foi o primeiro teólogo da graça que resistiu ao “legalismo” do judaísmo “tardio”, uma religião baseada nas obras, que se somavam para a autossalvação. Nas décadas recentes, essa imagem negativa do judaísmo tem sido mudada graças a uma contraimagem, apresentando o judaísmo como uma “religião de graça”. Estudantes do judaísmo têm encontrado traços da graça em todos os lugares da literatura do Segundo Templo, como a fundação da relação de aliança de Israel com Deus e a moldura dentro da qual a Torá foi observada. Então, para muitos, Paulo não fala nada notável sobre graça, e, se sua teologia parte, em qualquer aspecto, da tradição judaica, isso está pouco ou nada relacionado à graça.

Mas se “graça” está em todo lugar no judaísmo do Segundo Templo – na celebração da beneficência, bondade e misericórdia divinas – em todos os lugares trata-se da mesma graça? As configurações judaicas desse tópico são uniformes ou o mapa da teologia judaica seria demasiado simplificado se rotulado como “uma religião de graça”? Deve haver várias interpretações sobre a misericórdia e a bondade divinas e suas relações com a justiça? Há evidência para a diversidade e até mesmo o debate relacionado à generosidade de Deus, suas expressões, seus beneficiários e seus padrões de distribuição? Se é assim, onde Paulo deve ser colocado no interior dessa diversidade judaica?

Mais fundamentalmente, o que nós queremos dizer com “graça”? Na tradição cristã, a natureza da “graça” tem sido o sujeito de uma intensa controvérsia e de uma polêmica redefinição; o termo chega a nós já excessivamente determinado por conotações particulares. A estratégia deste livro é situar os termos e conceitos relevantes, tanto de Paulo quanto de seus companheiros judeus, dentro da categoria de “dom”. Isso não é para dizer que todo o vocabulário que assumimos em nossa interpretação é melhor *traduzido* como “dom”: em alguns casos, até mesmo para χάρις, não é manifestamente o caso. Antes, é para reivindicar que o campo conceitual que estamos estudando, com sua terminologia variada, é melhor apreendido pela categoria antropológica de dom. Essa categoria é ampla, mas cobre uma esfera de relações voluntárias, pessoais, que são caracterizadas pela benevolência na doação de algum benefício ou favor e que envolve alguma forma de um retorno recíproco que é tanto voluntário quanto necessário para a continuação do relacionamento. Consequentemente, nosso estudo não é restrito a um único termo (e, certamente, não é restrito a χάρις); seu foco está nos conceitos, não nas palavras. Entre outras coisas, abordando este tópico por meio da categoria de dom, esperamos alcançar alguma distância analítica dos significados especificamente teológicos de “graça”, mesmo quando continuamos a usar este termo.

Desde o clássico antropológico “Essai sur le Don”, de Mauss, a noção de dom como uma forma de reciprocidade que é básica à sociedade tem fascinado antropólogos e historiadores, os quais têm usado esta categoria para analisar estruturas sociais

e suas mudanças ao longo do tempo.¹ O desdobramento do conceito por Derrida ocasionou uma enxurrada de tratamentos filosóficos deste tópico, indo da fenomenologia à economia, enquanto teólogos têm adotado “dom” como uma estrutura para explorar uma longa extensão de tópicos teológicos.² Conceitos de “dom” têm sido usados ao longo dos séculos para mapear tendências sociais e intelectuais, chegando até as peculiaridades atuais do capitalismo pós-moderno, ocidental.³ É importante ter consciência desta história, não menos importante, de modo a libertar-nos das premissas modernas relacionadas ao dom “livre”, mas o foco da atenção aqui serão os significados históricos do dom no tempo de Paulo e seus contemporâneos judeus. Vários livros recentes tem dado contribuições valiosas a esse empreendimento, localizando a teologia de Paulo e a prática de “graça” no contexto de dons e benevolências no mundo greco-romano.⁴ Uma abordagem contextual como essa parece ser o acréscimo mais promissor à longa história do estudo acadêmico de “graça” em Paulo e seus contemporâneos.⁵

Uma abordagem antropológica revela quão complexo e multifacetado é o tema da doação do dom e ajuda a separar facetas de “graça” que são tradicionalmente tratadas conjuntamente. Estudos da graça têm direcionado sua atenção às vezes ao caráter do doador, às vezes à natureza do dom e algumas vezes à relação entre o doador e o receptor. Deus é “gracioso” ao ser puramente generoso, ao excluir o julgamento ou a ira? Graça é um poder, uma decisão, um dom, ou alguma combinação desses três elementos? Deve ser encontrada na criação, em eventos históricos, em sua aplicação tanto para o digno quanto para o indigno, ou em não pedir um retorno? Quanto mais nós investigamos, maior fica a complexidade do tópico.

O livro diante de você é amplo, mas, mesmo assim, tem seus limites. O título, *Paulo e o dom*, tem uma dupla nuance. Vai ao encontro de Mauss e, então, ao encontro do enquadramento de nossa discussão dentro da antropologia do dom. Mas também indica que nosso foco primário será na doação *divina* do dom, o que, para Paulo, é realçado e realizado no dom de Cristo (*o dom*). Há muitos aspectos da doação do dom no nível

¹ M. Mauss, “Essai sur le Don: Forme et Raison de l’Échange dans les Sociétés Archaïques”, in *Sociologie et Anthropologie* (Paris: Presses Universitaires de France, 1950), 145-279 (primeira publicação em 1925). Traduzido para o inglês como M. Mauss, *The Gift*, trad. W. D. Hall (London: Routledge, 1990). Famosos estudos históricos do dom incluem N. Zemon Davis, *The Gift in Sixteenth-Century France* (Oxford: Oxford University Press, 2000). Para detalhes na antropologia e história do dom, veja o capítulo 1, a seguir.

² J. Derrida, *Given Time*, vol. 1: *Counterfeit Money*, trad. P. Kamuf (Chicago: University of Chicago Press, 1992). Cf. J.-L. Marion, *Being Given: Towards a Phenomenology of Givenness*, trad. J. L. Kosky (Stanford: Stanford University Press, 1997); K. Tanner, *Economy of Grace* (Minneapolis: Fortress Press, 2005). A teologia de Milbank tem se centrado recentemente no mesmo tema; veja, p. ex., J. Milbank, *Being Reconciled: Ontology and Pardon* (London: Routledge, 2003).

³ Uma recente visão geral, ampla, mas bem informada, é oferecida por P. J. Leithart, *Gratitude: An Intellectual History* (Waco: Baylor University Press, 2014).

⁴ P. ex., S. Joubert, *Paul as Benefactor: Reciprocity, Strategy, and Theological Reflection in Paul’s Collection* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2000); J. H. Harrison, *Paul’s Language of Grace in Its Graeco-Roman Context* (Tübingen: Mohr Siebeck, 2003). Veja mais a seguir, 3.7.3.

⁵ Clássicos nesse campo incluem G. P. Wetter, *Charis: Ein Beitrag zur Geschichte des ältesten Christentums* (Leipzig: Hinrichs, 1913); J. Moffatt, *Grace in the New Testament* (London: Hodder and Stoughton, 1931); e J. Wobbe, *Der Charis-Gedanke bei Paulus* (Münster: Aschendorff, 1932). Tratamentos mais recentes incluem D. Zeller, *Charis bei Philon und Paulus* (Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1993), e B. Eastman, *The Significance of Grace in the Letters of Paul* (New York: Peter Lang, 1999).

humano que são significativos para Paulo, mas não são investigados aqui: os dons do Espírito e a mutualidade entre o dom e a necessidade no corpo de Cristo. Tudo isso era destinado a fazer parte deste projeto, mas terá que esperar por um livro subsequente. O que está diante de você é uma reconsideração de “graça” dentro da antropologia e da história do dom, um estudo das interpretações de beneficência divina no período do Segundo Templo e, dentro desse contexto, uma nova avaliação da teologia de Paulo do evento Cristo como dom, como se expressa em Gálatas e Romanos.

A primeira parte deste livro define a base para as demais e aqueles inclinados a folhear outras partes do volume são encorajados a ler pelo menos os capítulos 1 e 2. O primeiro capítulo enquadra nosso tópico na antropologia do dom e nas realidades históricas de reciprocidade do dom no mundo greco-romano (incluindo o judeu). O capítulo 1, então, oferece algumas ferramentas analíticas cruciais, introduzindo a noção de um “aperfeiçoamento” (o prolongamento de um conceito para um fim da linha extremo) e sugerindo *seis* caminhos nos quais a doação do dom foi “aperfeiçoada”, particularmente com referência a Deus (idealmente, claro, deveriam ter sido sete). O longo capítulo 3 é também fundacional. Ele mapeia um número de pontos na história da recepção de Paulo que continua a dar forma à nossa compreensão no tópico da graça. É crucial tentar entender essas ilustrações, especialmente em um momento em que comentários desdenhosos e mal informados sobre Agostinho e Lutero têm circulado no campo de conhecimento do Novo Testamento.⁶ Desagregar esses seis aperfeiçoamentos da graça mostra-se útil para entender a história da recepção de Paulo, explicando por que estudiosos que igualmente enfatizam a graça interpretam-na de forma diferente e até contraditória.

A segunda parte deste volume, sobre o dom divino no judaísmo do Segundo Templo, oferece uma alternativa para uma tese central da famosa obra *Paul and Palestinian Judaism*, de Sanders.⁷ O capítulo seleciona cinco textos judeus nos quais a benevolência divina é um tema central e analisa suas teologias com profundidade. O que emerge não é uma uniformidade, mas uma diversidade, de um tipo muito diferente da imagem de “nomismo da aliança”, uma diversidade novamente tornada visível pela desagregação dos diferentes aperfeiçoamentos da graça. Os leitores primariamente interessados em Paulo devem querer ir primeiro ao capítulo conclusivo desta parte (capítulo 10), mas espero que estejam suficientemente curiosos para ler pelo menos algum desses estudos dos textos judaicos que são importantes por si mesmos. Também espero que os estudiosos do judaísmo do Segundo Templo encontrem aqui leituras que ampliem a análise acadêmica de alguns textos fascinantes.

A parte III (capítulos 11–14) oferece uma leitura de Gálatas a partir da perspectiva da teologia paulina da graça. Claro, nem toda parte dessa carta pode ser discutida em detalhe, mas ofereço uma leitura integrada de sua lógica teológica em um estilo

⁶ Minha intenção é similar à de S. Westerholm, *Perspectives Old and New on Paul: The “Lutheran” Paul and His Critics* (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), ainda que meu foco seja primariamente no tópico da graça.

⁷ E. P. Sanders, *Paul and Palestinian Judaism* (London: SCM Press, 1977 [em português: *Paulo, a Lei e o povo judeu*. São Paulo: Paulus/Academia Cristã, 2008]).

que vai além tanto da tradição de interpretação reformadora e agostiniana quanto da “nova perspectiva de Paulo”. Em comparação com meu trabalho anterior sobre os Gálatas,⁸ eu avanço aqui para uma interpretação mais completa e talvez mais convincente de uma carta que, por meio dos estudos de Martyn, Dunn e outros, tornou-se o centro de uma tempestade nos estudos paulinos.

A parte final do livro (capítulos 15–17) consiste em uma leitura de Romanos, necessariamente também seletiva, mas pretendendo estabelecer a coerência de uma carta que é frequentemente reduzida a suas partes; deliberadamente, culmina em uma discussão de Romanos 9–11, que a maioria dos estudiosos considera, hoje, central à carta, ainda que muitos julguem isso como autocontraditório. Um número de similaridades e diferenças entre Romanos e Gálatas aparecem nessa leitura. Os leitores são encorajados a ler a totalidade dessa parte como uma entidade única, mesmo se seu interesse primário está em um ou outro segmento da carta.

A conclusão desenha os tópicos desse volume em conjunto, identificando suas contribuições-chave em várias áreas. É bom para os leitores que desejam conhecer para onde essa longa jornada está se encaminhando começar pela conclusão e, então, retornar para as discussões do livro. Alternativamente, essas teses podem ser sumariadas, de forma reduzida, como segue:

1. “Graça” é um conceito multifacetado, melhor abordado a partir da categoria de dom. É suscetível ao “aperfeiçoamento” (extensão conceitual) em vários caminhos diferentes, que não constituem um pacote unificado. Alguns que discutem o tema maximizarão a superabundância, a prioridade ou a eficácia da graça, enquanto outros valorizarão sua incongruência com a dignidade dos destinatários (como dom para o indigno). Outros novamente insistirão na singularidade da graça (que Deus não é outra coisa além de gracioso) e alguns defenderão que os dons de Deus são dados “sem condições prévias”. Essas interpretações da graça não são melhores ou piores, apenas diferentes, e é perfeitamente possível falar de graça sem defini-la, por exemplo, como um dom para o indigno. Esses aperfeiçoamentos têm se desdobrado de maneira variada na história da recepção de Paulo, ainda que alguns sejam melhor suportados que outros pelos textos paulinos em si mesmos. Muito da interpretação judaica de graça e na história da interpretação de Paulo pode ser esclarecido distinguindo entre esses seis aperfeiçoamentos.
2. A graça está em todas as partes do judaísmo do Segundo Templo, mas não significa o mesmo em todas elas. Ao invés de uniformidade, um exame cuidadoso dos textos indica diversidade em suas representações da benevolência divina; eles diferem, por exemplo, em saber até que ponto a misericórdia de Deus é aplicada adequadamente sem referência à dignidade. Paulo fica no meio dessa diversidade. Sua teologia da graça não está em antítese ao judaísmo, tampouco há uma visão comum judaica com a qual ela coincida totalmente.
3. A teologia da graça de Paulo caracteristicamente aperfeiçoa a *incongruência* do dom de Cristo, dado sem referência à dignidade. Sua teologia é articulada dentro da missão de Paulo e para ela, e fundamenta a formação de comunidades inovadoras que cruzaram fronteiras étnicas e outras. Esse dom incongruente evita e, então, subverte os sistemas

⁸ J. M. G. Barclay, *Obedying the Truth: A Study of Paul's Ethics in Galatians* (Edinburgh: T&T Clark, 1988).

de merecimento pré-constituídos. Ele desconsidera formas prévias de capital simbólico e, então, permite a criação de novas comunidades cujas normas são redefinidas pelo dom de Cristo em si mesmo. A graça tomou seu significado na e da experiência e prática sociais de Paulo: a natureza do dom ganhou corpo e foi esclarecida em novos experimentos sociais. Na interpretação subsequente de Paulo, dentro de uma tradição cristã estabelecida, este tema desempenhou vários outros papéis, mas geralmente saltou de minar os critérios prévios de merecimento dos crentes para cortar pela base sua autoconfiança em encontrar normas cristãs ou sua compreensão desse esforço como necessário para a salvação.

Espero que a leitura de Paulo oferecida aqui mostre-se historicamente plausível, exegeticamente responsável, teologicamente informada e (como deveria ser melhor declarado adiante) hermenêuticamente útil. Ninguém interpreta a partir do nada, e essa leitura da evidência, assim como qualquer outra, tem seu próprio contexto e interesses. Ela surge da convicção de que uma leitura respeitosa de Paulo, embora não acrítica, contém recursos que são teologicamente importantes hoje, ainda que em formas que se estendam para além dos quadros usuais de interpretação. Paulo tem a capacidade de pensar sobre comunidades e suas identidades sociais e a habilidade de recompor suas normas sobre o evento Cristo por uma teologia da graça que suspende outros critérios de dignidade; tais ferramentas podem se mostrar valiosas para igrejas que necessitam repensar sua identidade e localização social em um contexto pluralista ou secularizado. Por um estranho paradoxo, Paulo deve ser mais significativo hoje quando, mais cuidadosamente, ele é situado novamente em seu próprio contexto original.